

AUTOPERCEPÇÃO DA ALIMENTAÇÃO DE PACIENTES ATENDIDOS NO AMBULATÓRIO DA FACULDADE DE MEDICINA – UFPel – PELOTAS/RS.

**MACIEL, Caroline¹; CRIZEL, Luciene¹; SOUZA, Bianca Bittencourt; SASSI, Raul
Andres Mendoza²; LINDEMANN, Ivana Loraine³.**

¹Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Nutrição, Curso de Nutrição; ²Universidade Federal do Rio Grande, Faculdade de Medicina. ³Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Nutrição, Departamento de Nutrição. karol-maciel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ter uma boa alimentação é sinônimo de vida saudável. Por meio da Política Nacional de Alimentação e Nutrição, o Ministério da Saúde incentiva à população a ter bons hábitos e conscientiza sobre os riscos de doenças causadas pela ingestão prolongada de alguns tipos de produtos. Muitos componentes da alimentação dos brasileiros são associados ao desenvolvimento de doenças tais como câncer, problemas cardíacos, obesidade e diabetes. A adoção de uma alimentação saudável previne o surgimento de doenças crônicas e melhora a qualidade de vida (BRASIL, 2012).

Frutas, verduras, legumes e cereais integrais contêm vitaminas, fibras e outros nutrientes, importantes para a saúde. Os bons hábitos alimentares agem como fatores protetores se forem adotados ao longo da vida. Nesse aspecto devem ser valorizados e incentivados antigos hábitos alimentares do brasileiro, como o consumo de arroz com feijão. O Ministério da Saúde lançou o Guia Alimentar em cuja publicação estão os Dez Passos para uma alimentação saudável. Este Guia busca contribuir para a melhoria da qualidade de vida e a prevenção de doenças relacionadas à alimentação e nutrição, como desnutrição, anemia e hipovitaminose A, obesidade, diabetes e hipertensão (BRASIL, 2013).

O conhecimento da percepção dos adultos quanto à qualidade da sua alimentação e avaliação do consumo de alimentos saudáveis é um dos motivos para a não ingestão dos mesmos e pode ser útil na implantação de medidas de prevenção e controle de doenças crônicas não transmissíveis (SOUZA e cols., 2005).

Este estudo teve por objetivo avaliar a autopercepção de pacientes do Ambulatório da Faculdade de Medicina – UFPel – sobre a sua alimentação.

2. METODOLOGIA

Foi realizado um estudo transversal no Ambulatório da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas/RS. A amostra foi composta por indivíduos que procuraram atendimento no período da coleta, realizada entre os dias 10 e 19 de abril de 2013, por alunos da graduação do Curso de Nutrição da Universidade Federal de Pelotas, previamente treinados. O critério de exclusão usado foi o fato de ser gestante ou possuir alguma deficiência física e/ou mental.

Os dados foram coletados através da aplicação de questionários padronizados, incluindo um bloco de questões sociodemográficas (sexo, idade, cor da pele, estado civil, escolaridade, ocupação e renda) e de autopercepção da

alimentação, classificada em excelente, boa, regular ou ruim. Os dados foram duplamente digitados em Epidata versão 3.1. As análises estatísticas descritivas realizadas no Stata versão 10.0.

Os resultados aqui apresentados fazem parte de um estudo mais amplo, o qual tem como objetivo avaliar a promoção da alimentação saudável.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande – CEPAS/FURG sob o Parecer de nº 027/2013.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 130 indivíduos, com idades entre 18 e 73 anos. Conforme apresentado na Tabela 1, a maioria era do sexo feminino (77,7%), com cor da pele branca (72,9%), vivia com companheiro (60,8%), apresentou 8 ou mais anos de estudo (44,2%), trabalhava (33,9%) e tinha renda per capita de até meio salário mínimo (39,2%).

Em estudo realizado em Santa Maria (RS), no Ambulatório de Transtornos do Humor do Setor de Psiquiatria do Hospital Universitário, os resultados encontrados foram semelhantes, sendo maioria de mulheres (68,3%), 85,4% de cor branca, 48,8% com renda superior a meio salário mínimo, 29,3% encontravam-se trabalhando e em contraposição aos achados do presente estudo observou-se que 39% eram casados (PEREIRA, 2011).

Quanto a variável sexo observou-se que nos estudos de Noblat e cols. (2004), realizado em Salvador (BA), Teixeira e cols. (2007), e Conde (2010), ambos realizados em São Paulo houve predominância do sexo feminino, entre aqueles pacientes que frequentavam os ambulatórios. Já quando avaliada a variável cor da pele, Noblat e cols. (2004) identificaram maior índice de não brancos (85%), contrapondo com resultados do presente estudo.

Em relação à autopercepção da alimentação, foi observado que 6,3% declararam ter uma alimentação excelente, 60% boa, 23,1% regular e 10% ruim (Tabela 2).

Não foram encontrados na literatura relatos de outros estudos brasileiros que tenham avaliado essa característica, seja em população geral ou em usuários de serviço de saúde, o que limitou a discussão desses dados.

A opinião negativa acerca da alimentação pode ser ocasionada por motivos diversos, entre os quais a falta ou ausência de frutas e verduras em função do custo elevado desses alimentos. Já os motivos que levam as pessoas a manterem uma opinião positiva acerca da alimentação podem incluir a relação estabelecida entre saúde, bem-estar e alimentação, a variedade na aquisição de gêneros alimentícios e preparação dos mesmos, bem como a resignação em ao menos ter o que comer (UCHIMURA e Cols., 2012).

Tabela 1. Características sociodemográficas de pacientes atendidos no Ambulatório da Faculdade de Medicina – UFPel – Pelotas, 2013. (n=130).

Características	n	%
Sexo		
Masculino	29	22,3
Feminino	101	77,7
Idade		
18 a 29	14	10,8
30 a 39	32	24,7
40 a 49	20	15,3
50 a 59	38	29,2
60 a 73	26	20,0
Cor da pele		
Branca	94	72,9
Não branca	35	27,1
Estado civil		
Com companheiro	79	60,8
Sem companheiro	51	39,2
Escolaridade em anos completos		
Não sabe ler e escrever ou só assina o nome	8	6,2
Até 4 anos	19	14,7
De 5 a 8 anos	45	34,9
8 ou mais anos	57	44,2
Ocupação		
Estudando	6	4,6
Desempregado	25	19,2
Em benefício	10	7,7
Aposentado/pensionista	34	26,2
Trabalhando	44	33,9
Dona de casa	11	8,5
Em que trabalha		
Prestação de serviços	10	23,3
Indústria e comércio	13	30,2
Autônomo	11	25,6
Serviço público	9	20,9
Renda per capita em salários mínimos		
Até meio SM	51	39,2
Entre meio e um salário mínimo	41	31,5
Mais que 1 salário mínimo	38	29,2

Tabela 2. Autopercepção da alimentação de pacientes atendidos no Ambulatório da Faculdade de Medicina – UFPel – Pelotas, 2013. (n=130).

	n	%
Excelente	9	6,9
Boa	78	60,0
Regular	30	23,1
Ruim	13	10,0

4. CONCLUSÃO

Os resultados demonstraram que os pacientes estudados apresentavam, de modo geral, uma autopercepção boa de sua alimentação. Esse aspecto pode interferir na adesão ao tratamento de determinadas doenças, especialmente as não transmissíveis, tais como hipertensão, diabetes e obesidade, que demandam mudanças no estilo de vida e de alimentação. O conhecimento da percepção dos pacientes pode auxiliar os profissionais de saúde a melhorarem as estratégias de promoção de alimentação e estilo de vida saudável, tanto para prevenção como para tratamento das doenças.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação Geral de Alimentação e Nutrição. Política Nacional de Alimentação. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação Geral de Alimentação e Nutrição. Guia Alimentar: como ter uma alimentação saudável. Disponível em <http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/guia_alimentar_bolso.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2013.

SOUZA, B. R. S. e cols. Percepção da alimentação saudável e ingestão de frutas e vegetais por adolescentes. Revista Nutrire, São Paulo, v. 30, Supl., p.77-77, 2005.

PEREIRA, L. L. Transtorno Bipolar: características médico-clínicas e das funções executivas. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós Graduação em Psicologia, 2001.

NOBLAT, A. C. B. e cols. Raça e Lesão de Órgãos-Alvo da Hipertensão Arterial em Pacientes Atendidos em um Ambulatório Universitário de Referência na Cidade de Salvador. Arquivo Brasileiro de Cardiologia, v. 82, n. 2, p. 111-5, 2004.

TEIXEIRA, A. M. N. C. e cols., Risco Cardiovascular em Ambulatório de Nutrição. Revista Brasileira de Cardiologia, v. 23, n. 2, p.116-123, 2010.

CONDE, M. T. R. P. Síndrome pós-poliomielite: aspectos epidemiológicos e prognósticos. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. São Paulo, 2007.

UCHIMURA, K. Y. e cols. Qualidade da alimentação: percepção de participantes do programa bolsa família, v.17, n. 3, p.687-694, 2012.